



## Da ditadura à apoteose: César e a memória nos *fora* de Roma durante o final da República

From dictatorship to apotheosis: Caesar and memory in the *fora* of Rome during the end of the Republic

Giovanni Pando Bueno<sup>1</sup>

orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1961-2894>  
 e-mail: [giovanni.pando.bueno@gmail.com](mailto:giovanni.pando.bueno@gmail.com)

DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v9i2.44836>

**RESUMO:** O fórum romano passou por muitas transformações no decorrer de todo o período republicano, mas foi ao longo da crise do século I a.C. que este espaço se tornou objeto de uma disputa violenta entre grandes lideranças políticas. Nos últimos dias da República as mais profundas e estruturais mudanças foram colocadas em marcha, conduzidas por Júlio César ainda em vida ou tendo a sua figura como elemento fundamental à nova visualidade do fórum nos anos que se seguiram aos Idos de Março. A partir de sua ditadura não apenas o velho *Forum Romanum* sofrera alterações como um novo fórum, adjacente ao antigo, fora erguido – o *Forum Iulium*. Otaviano, herdeiro do falecido ditador, deu continuidade às reformas iniciadas por seu pai. Assim, a paisagem do complexo formado pelos dois *fora* mobilizou elementos do passado romano ao mesmo tempo em que obliterou e modificou tantos outros, o que promoveu a construção de uma memória coletiva que tinha em César uma de suas principais bases: em vida ou postumamente, sua memória tornou-se onipresente no coração de Roma. Neste artigo, analisaremos o processo de construção da memória coletiva pela paisagem urbana dos fóruns, nos atendo particularmente ao papel atribuído à imagem de Júlio César em tal memória.

**PALAVRAS-CHAVE:** César; *Forum Iulium*; *Forum Romanum*; memória

**ABSTRACT:** The Roman forum underwent many transformations throughout the Republican period, but it was during the crisis of the 1st century BC that this space was violently disputed between great political leaders. In the last days of the Republic the most profound and structural changes were set in motion, led by Julius Caesar still alive or sustaining his figure as a fundamental element to the new visuality of the forum in the years after the Ides of March. In his dictatorship, not only the old *Forum Romanum* had been altered, but a new forum, adjacent to the old one, was erected too – the *Forum Iulium*. Octavian, heir to the late dictator, continued the reforms initiated by his father. Thus, the landscape of the complex formed by the two *fora* mobilized elements of the Roman past and modified and obliterated so many others, which promoted the construction of a collective memory that had in Caesar one of its main bases: in life or posthumously, his memory became ubiquitous in the heart of Rome. In this article, we will analyze the process of construction of collective memory by the urban landscape of the forums, paying particular attention to the role attributed to the image of Julius Caesar in such memory.

**KEYWORDS:** Caesar; *Forum Iulium*; *Forum Romanum*; memory

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, sob orientação do Prof. Dr. Marcelo Rede. Bolsista FAPESP (processo n°: 2020/03091-0).



## Introdução: o fórum em Roma e a memória

No coração da *Urbs*, em um vale situado no sopé do monte Capitolino, encontrava-se a principal praça da antiga Roma. O *Forum Romanum* abrigava inúmeras construções e nele eram realizadas diversas atividades. Tribunais de justiça, reuniões do Senado, assembleias legislativas, eleições da maioria dos magistrados romanos e *contiones* ocorriam no fórum, fazendo dele o principal centro de decisões e disputas políticas do período republicano. As lojas, os cambistas e os mercados tornavam também um local de trocas comerciais. Além disso, o fórum abrigava templos e locais sagrados, festividades e cerimônias que transcorriam ali, jogos e lutas de gladiadores. Enfim, um centro pulsante da vida em Roma.

Neste artigo, nos interessa o papel do fórum como um lugar de memória. Em linhas gerais, o *lieu de mémoire*, conceito formulado por Pierre Nora nos anos 1980, desdobra-se simultaneamente em três dimensões: material (configura-se em uma realidade tangível, concreta, apreensível), funcional (insere-se em circuitos de sociabilidade, possuindo usos práticos dentre os quais se encontra o de transmitir um passado) e simbólica (já que caracteriza um acontecimento passado a pessoas que não o vivenciaram, mas ainda sim estão de alguma forma ligadas a ele). Essas três dimensões coexistentes dependem de uma “vontade da memória”, ou seja, da intenção de perpetuar algo, de fazê-lo ser lembrado (NORA, 2008, p. 33). O lugar de memória, em outras palavras, atua como monumento: resgatado por Le Goff (2019, p. 486) de suas raízes etimológicas, o monumento tem a função primeira de evocar o passado no presente, de conservar a recordação salvando-a do esquecimento.

O ambiente topográfico de toda Roma era cravado pelos mais diversos monumentos (templos, edifícios, estátuas, etc.) de épocas distintas que se sobrepunham e fixavam na pedra a memória de vitórias e ações exemplares dos antepassados das grandes famílias romanas (DAVID, 2000, p. 60-61). Isso fazia com que o espaço urbano fosse composto por memórias distintas que evocavam passados diversos, isso porque a cultura memorial do período republicano se caracterizava por ser descentralizada, já que cada *gens* celebrava seus ancestrais dentro do contexto mais amplo da *res publica*. Nenhuma família aristocrática, por mais excepcional que fossem seus membros, reclamava a totalidade do passado romano para si: a lembrança de cada cônsul, de cada batalha vencida, embora fosse perpetuamente enaltecida dentro do espaço da *domus*, convivía, no espaço público, com as lembranças dos feitos das demais famílias nobres de Roma, assim engrandecendo uma memória comum a todo corpo cidadão (GILDENHARD; GOTTER; HAVENER; HODGSON, 2019, p. 13-14).

Dessa forma, desde o período monárquico e ao longo de toda a República, o *Forum Romanum* assistiu à construção de novos edifícios e à restauração de tantos outros, o que condensou ali referências de muitos passados e de múltiplas *gentes*, fazendo da praça um grande mosaico que ilustrava a pluralidade da memória coletiva de Roma. As alterações do fórum por séculos incorporaram os nomes daqueles responsáveis por elas, perenizando-os bem como os eventos a eles relacionados. Os vários usos da praça, cotidianos ou extraordinários, tornavam essas memórias funcionais, buscando impedir o esquecimento e reavivando o passado às pessoas que ali frequentavam. Sendo um lugar de memória, portanto, podemos descrever o fórum como um espaço compósito, onde muitos tempos se aglutinavam e conviviam.

No entanto, Nora enfatiza (2008, p. 34), embora o lugar de memória tenha por missão deter o tempo, a mudança, abortando o esquecimento através da imortalização daquilo que é mortal (e a dimensão material do lugar de memória contribui nesse sentido, pois encerra a memória na concretude do mundo palpável), o lugar de memória está inescapavelmente sujeito à metamorfose. Aliás, é apenas graças a essa condição, de uma pretensão à imutabilidade que sempre termina em mudanças, que o lugar de memória se faz como tal: a funcionalidade da memória requer resignificação já que está sujeita às necessidades voláteis do presente, só assim a memória consegue manter-se significativa aos indivíduos e ser por eles transmitida. Em outras palavras, a memória é plástica – e os lugares de memória também o devem ser. Esquemáticamente, assim, conforme novas alterações ocorriam no fórum, alterava-se também a forma como o espaço era experimentado por aqueles que o frequentavam, e com isso novas representações do passado tendiam a se precipitar, o que em última instância levava a mudanças na memória coletiva.

As mudanças na memória que os novos monumentos induziam sempre estiveram presentes em Roma, mas tendiam a conservar, pelo menos durante boa parte da República, a estrutura compósita e compartilhada da memória coletiva baseada no equilíbrio entre as casas aristocráticas. Todavia, ao longo do século I a.C., tal dinâmica começou a ser minada por uma série de fatores. Estamos aqui tratando do contexto da chamada Crise da República, quando começaram a despontar conflitos internos na sociedade romana que desestabilizaram o equilíbrio das *gentes*, levando à competição entre famílias, à formação de grupos políticos antagônicos e a deflagração de guerras civis. Nesse cenário, a cultura memorial em Roma sofreu profundas transformações.

A começar pelo fato de que, agora, o passado romano enquanto totalidade seria disputado pelos grupos beligerantes. A memória cívica compartilhada que incluía diversas referências passa a dar espaço a uma memória *a priori* particular (de uma única *gens*), mas que se pretende universal, que hierarquiza os eventos do passado enaltecendo alguns e atacando ou forçando o esquecimento de outros (GILDENHARD; GOTTER; HAVENER; HODGSON, 2019, p. 17-18). Nessa lógica, o espaço urbano seria mobilizado pelos grandes *imperatores* com a construção de enormes complexos arquitetônicos homogêneos, que evocavam suas conquistas particulares e elogiavam suas respectivas famílias – fenômeno que, segundo Jean-Michel David (2000, p. 61), desembocaria finalmente na unidade semântica de toda Roma durante o governo de Augusto.

O fórum, então, antes compósito em seus monumentos, passou por mudanças estruturais que buscaram torná-lo unitário. Já a partir dos anos de 82 e 81 a.C., Sila, em sua ditadura, conduziu reformas nesse sentido especialmente na região do *Comitium*, espaço nevrálgico na extremidade norte do *Forum Romanum* que congregava algumas das principais atividades políticas e jurídicas de Roma, o que forneceu uma maior unidade arquitetônica e ideológica ao fórum (COARELLI, 1985, p. 56, 234; DAVID, 2000, p. 75-76). Mas foi no final do século I a.C., a princípio sob o comando de Júlio César e depois, dando sequência às reformas iniciadas por este, pelas ordens de Otaviano que as mais profundas mudanças foram colocadas em marcha na região do fórum até então. Filippo Coarelli, ao tratar das transformações da praça antes condicionadas pelas construções pré-existentes (muitas das quais sagradas e, portanto, intocáveis), chega a dizer que foi a “negligência revolucionária de César” que pôde superar parcialmente a intocabilidade do fórum (COARELLI, 1985, p. 200).

Para além do velho *Forum Romanum*, a busca pela unicidade arquitetônica (e memorial) foi tamanha que antes que a República enfim acabasse Roma assistiu à construção de um novo fórum: o *Forum Iulium*, dedicado em 46 a.C. – o primeiro dos chamados fóruns imperiais. Este fora erigido a partir do zero e, portanto, estruturado de maneira a respeitar uma lógica interna própria que lhe conferia muito mais coesão, o que homogeneizava as referências ao passado em uma narrativa única. A nova representação do passado delineada tanto pelas reformas empreendidas no velho fórum quanto pela construção do novo centralizou a memória de Roma em torno da figura de César. O ditador fez convergir para si todo o passado que o fórum conjurava nas recordações dos romanos, colocando a seu serviço aquele lugar de memória.

Neste artigo nos interessamos justamente pela relação, forjada por ambos os *fora*, da figura de César com a memória coletiva de Roma nos últimos anos da República. Para tanto, destacamos alguns dos mais importantes elementos novos dos fóruns e propomos uma divisão da análise em dois momentos. O primeiro corresponde aos últimos anos de vida de César, quando é inaugurado o *Forum Iulium* e são iniciadas as principais reformas no *Forum Romanum*. Já o segundo diz respeito às transformações coordenadas por Otaviano antes da ascensão do Principado e de sua nomeação como Augusto.

### **Os últimos anos de César: conquistador do mundo e libertador de Roma**

O fórum no ano de 46 a.C. foi marcado por dedicações, comemoração de triunfos e início de novas obras que, apesar de concluídas apenas anos depois, mudariam aquele espaço para sempre. A estabilidade que os novos ares trouxeram contrastava muito com os eventos sangüinários vivenciados ali no ano anterior, quando o fórum se transformara em palco de batalha devido ao enfrentamento entre os tribunos Lúcio Trebélio e Públio Cornélio Dolabela, que se entrincheirou na praça com parte da plebe prometendo aprovar leis concernentes a débitos e aluguéis (FILIPPI, 2017, p. 167). O conflito, na verdade, não desapareceria daquele espaço no ano seguinte: ele apenas deixaria de ser um

conflito físico entre indivíduos para se tornar um conflito de memórias. Isso porque César, retornando do Oriente com vitórias acumuladas entre 48 e 46 a.C., ordenará mudanças no velho fórum que atingiriam a memória construída anos antes pelos *optimates*, bem como inaugurará seu novo fórum, projetado como um louvor às suas conquistas e uma provocação aos generais anteriores.

Começemos com a representação de César conquistador. Tal imagem não era uma novidade no momento da inauguração do fórum, pois antes de sua dedicação em setembro de 46 a.C. já havia relatos de estátuas de César associadas ao motivo da conquista<sup>2</sup>. Mas é fato que o *Forum Iulium* potencializou os triunfos de César da forma mais monumental possível, colocando-se acima das construções precedentes de outros generais que buscaram também perpetuar suas vitórias na memória de Roma.

O *Forum Iulium* já era um complexo arquitetônico notável em si mesmo, não só pelo enorme valor depreendido para a compra do terreno como também pelas suas dimensões<sup>3</sup> (Cf. Figura 5, em azul). Enquanto suas laterais longas (nordeste e sudoeste, esta última contendo uma série de salas, cujas paredes traseiras irregulares tocavam no sopé do Capitólio, e que serviam provavelmente de escritórios públicos) e uma curta (sudeste) eram cercadas por um *porticus duplex*, a outra lateral curta (noroeste) se encerrava em um templo dedicado à *Venus Genetrix*, cujo *uotum* havia sido feito em 48 a.C. antes da Batalha de Farsalos (FILIPPI, 2017, p. 167). As arcadas laterais sobrepunham duas ordens diferentes em suas colunas de mármore branco, as externas de ordem coríntia e as internas dos deambulatórios de ordem jônica, enquanto a praça pavimentada com travertino continha em seu centro uma estátua equestre de César, que por sua vez era originalmente uma estátua de Alexandre Magno, mas cuja cabeça fora substituída pela do ditador romano (CARANDINI, 2014, p. 81-82).

Como demonstra Richard Westall (1996, p. 88-89), por meio de seu fórum César abria um “diálogo” competitivo com todos os *imperatores* de Roma, especialmente com Pompeu, o Grande (que, apesar de já estar morto no momento da inauguração do novo fórum, havia liderado tropas romanas em notáveis vitórias e erigido monumentos na *Urbs* para eternizá-las na memória, como seu teatro localizado no Campo de Marte)<sup>4</sup>, não visando obliterar ou substituir as conquistas de seu inimigo da guerra civil, mas estimulando uma comparação que colocava seus feitos acima dos de Pompeu. Assim, podemos identificar uma série de paralelos entre ambos os conquistadores forjados pelo *Forum Iulium*, dentre os quais mencionaremos alguns aqui.

<sup>2</sup> Por exemplo, Dião Cássio (43, 14, 6) menciona uma estátua de César erigida na frente do templo de *Iupiter Optimus Maximus* com a imagem de *Oikoumene* a seus pés, provavelmente assemelhando-se às representações monetárias do *Genius Populi Romani*, seminu e com o pé apoiado em uma *sphaera* que remetia ao tema da conquista do *Orbis terrarum* (CADARIO, 2006, p. 27-31).

<sup>3</sup> Medindo aproximadamente 75 por 160 metros, tinha a segunda maior área total dos fóruns imperiais, só superada pelo Fórum da Paz de Vespasiano (WESTALL, 1996, p. 84). Quanto ao valor, Westall (1996, p. 85-86), tomando por base os dados fornecidos por Plínio, o Velho (*HN* 36, 103) e Suetônio (*Jul.* 26, 3) afirma que só a compra do terreno custara mais de cem milhões de sestércios, obtidos com os espólios das conquistas.

<sup>4</sup> A compra do terreno para a construção do fórum foi negociada em 54 a.C., um ano depois da dedicação do Teatro de Pompeu (WESTALL, 1996, p. 89).

O primeiro a se notar é o momento da inauguração. No dia 26 de setembro de 46 a.C., no último dia de seu triunfo quádruplo que comemorava suas vitórias sobre a Gália, Ásia Menor, Norte da África e Egito, César dedicou o templo de *Venus Genetrix* e inaugurou o fórum, evento que seria seguido por onze dias de jogos. A data é significativa porque três dias depois, em 29 de setembro, faria aniversário o terceiro e mais ilustre triunfo de Pompeu, comemorado no ano de 61 a.C. após suas vitórias sobre os piratas do Mediterrâneo e, principalmente, sobre Mitrídates VI do Reino do Ponto. O triunfo pompeiano havia sido imortalizado em grande medida pela grandeza do inimigo derrotado, já que Mitrídates impactava o domínio romano no oriente há pelo menos trinta anos – e nesse sentido, o dia 29 era uma forte lembrança à memória coletiva de Roma. É importante notar que César não triunfou no mesmo dia, pois não pretendia (talvez nem conseguisse) apagar os feitos de Pompeu, mas sim três dias antes em um triunfo muito mais notável, porque quádruplo, portanto tornando inescapável a comparação com Pompeu, uma comparação na qual saía favorecido (WESTALL, 1996, p. 88-89, 91-92).

Mais ainda, o triunfo de César estaria eternizado no mármore, já que o *Forum Iulium* e o templo de Vênus ficariam para sempre marcados por aquela data. Tal complexo arquitetônico se comparava ao *Theatrum Pompeii*, dentre outros motivos pois este último abrigava um templo à *Venus Victrix* (WESTALL, 1996, p. 89). Se o epíteto desta deusa conjurava a aprovação divina às vitórias de Pompeu, o epíteto *Genetrix*<sup>5</sup> remetia à ancestralidade de César, um vínculo maternal com a deusa muito mais íntimo e que lhe garantia predestinação. Além disso, dentro do templo de Vênus havia alguns objetos de luxo que estimulavam comparações com Pompeu: como por exemplo uma couraça de pérolas da Bretanha, que se opunha ao busto de pérolas de Pompeu que desfilou em seu triunfo de 61; ou as seis coleções de gemas, provavelmente adquiridas em Alexandria, que superavam a única coleção que Pompeu obtivera no Oriente e dedicara no templo de Júpiter Capitolino (WESTALL, 1996, p. 90-92).

Mas talvez o paralelo mais significativo seja a relação dos generais com o mais paradigmático dos conquistadores, Alexandre Magno. Sabemos que Pompeu inspirava sua imagem na do rei helenístico<sup>6</sup>, inclusive pela existência na arcada de seu teatro de um retrato de Alexandre pintado pelo ateniense Nícias, na mesma arcada onde se encontrava uma estátua sua (CADARIO, 2006, p. 36). No *Forum Iulium*, por sua vez, Alexandre e seu cavalo Bucéfalo encontravam-se na estátua equestre no centro da praça, provavelmente do escultor grego Lísipo, e que teve a cabeça substituída pela de César<sup>7</sup> (ZANKER, 2009, p. 291).

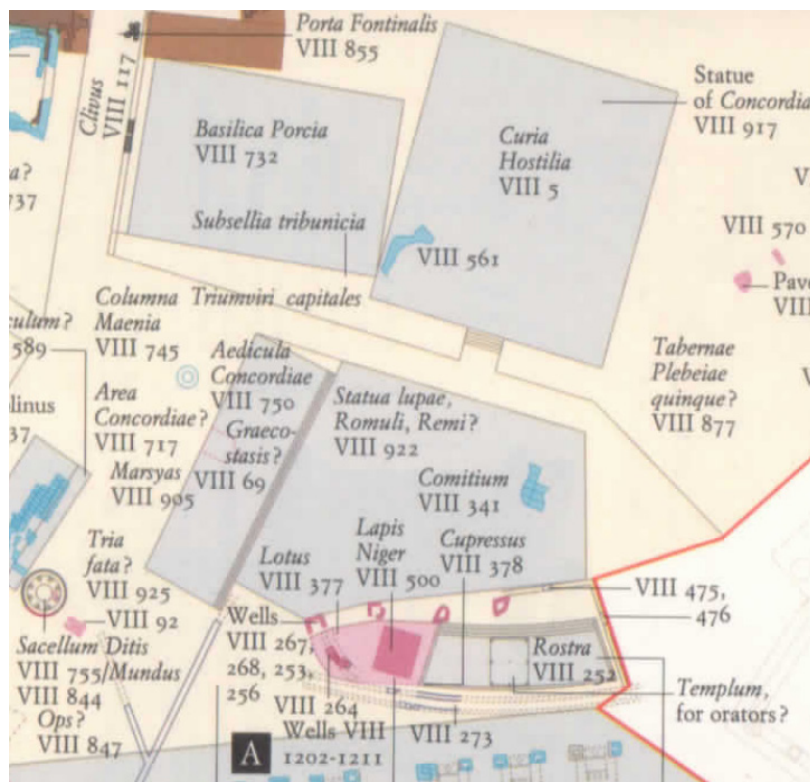
<sup>5</sup> Que significa “mãe” ou, em sentido mais figurado, “criadora” (FARIA, 2021, p. 425).

<sup>6</sup> O penteado de Pompeu, denominado *anastole*, com a mecha da frente armada para cima, era uma forma comum de representação de Alexandre (WESTALL, 1996, p. 92) – como podemos ver no busto do general romano localizado no museu Gliptoteca Ny Carlsberg, em Copenhague.

<sup>7</sup> Vale mencionar que na produção da estatuária da época, cabeças e copos eram concebidos separadamente, pois se costumava usar esquemas pré-determinados para estes últimos (que expressavam virtudes civílicas ou militares específicas), posteriormente acoplados a cabeças confeccionadas com traços fisionômicos específicos, o que possibilitava montagens como esta vista no fórum de César (ZANKER, 2009, p. 288-289).

Deve-se notar o fato de que Alexandre reivindicava Aquiles como ancestral, cuja origem de nascença por sua vez era comumente localizada em Farsalos, local onde Pompeu fora derrotado – para César essa coincidência era significativa, já que prestou inúmeras homenagens a Rômulo, fundador de Roma e por sua vez de origem troiana, o que sugere uma projeção na mitologia do conflito entre César *versus* Pompeu/ Troia *versus* Grécia (WESTALL, 1996, p. 93). Mas a maior provocação, sublinhada por Matteo Cadario (2006, p. 37), é a de que enquanto Pompeu se coloca ao lado de Alexandre em seu teatro, igualando suas conquistas em uma relação de *imitatio*, César toma o lugar de Alexandre ao assumir seu corpo e cavalo, superando-o: essa imagem é reforçada ao se considerar que a estátua de Lísipo fora trazida de Alexandria como butim – portanto, a cidade que o líder helenístico fundara foi conquistada pelo líder romano.

A disputa memorial travada por César com Pompeu em seu fórum não foi o único conflito da memória no qual o ditador se envolveu. O embate entre as facções dos *populares* e dos *optimates*, que começou a ser gestado após as mortes dos irmãos Graco no final do século II a.C. e atravessou todo o século I a.C., inclusive na forma de guerras civis, foi reavivado por César por meio de reformas conduzidas no antigo *Forum Romanum*. Como foi mencionado anteriormente, entre 82 e 81 a.C., Lúcio Cornélio Sila reestruturou a região norte do fórum, o chamado *Comitium*, para criar um espaço que fosse marcado pela hegemonia senatorial, onde predominasse uma narrativa memorial dos *optimates* (Cf. Figura 1).



**Figura 1** – Planta do Comitium entre 117-52 a.C.

Imagem modificada por nós (recortada) e retirada de CARANDINI, Andrea. *The Atlas of Ancient Rome: Biography and Portraits of the City. Vol. 2: tables and indexes*. Princeton: Princeton University Press, 2017, Tab. 21.

A principal mudança foi a ampliação do prédio da cúria (Cf. Figura 1, VIII5), um dos locais onde o Senado se reunia, pois havia a necessidade de um espaço maior já que Sila aumentara o número de senadores de trezentos para seiscentos. A *Curia Hostilia*, que tinha esse nome em homenagem ao terceiro rei de Roma, Túlio Hostílio, a quem se atribuía a sua construção durante o período monárquico, poderia ser chamada a partir de então de *Curia Cornelia*, em referência à *gens* a qual Sila pertencia<sup>8</sup> (WESTALL, 1996, p. 112). Para tanto, as antigas sedes dos tribunais dos pretores denominadas *cornua comitii* foram demolidas, juntamente com as estátuas de Alcibíades e Pitágoras que lá existiam, e a *Graecostasis* (Cf. Figura 1, VIII69), local de resolução de assuntos diplomáticos, foi relocada a noroeste de modo a se alinhar com a cúria – em suma, esta aumentou de tamanho e avançou em direção ao *Comitium*, que se tornou, nas palavras de Filippi, um “espaço aberto para a *curia*” (COARELLI, 1985, p. 233-234; FILIPPI, 2017, p. 165-166).

Outro elemento que deve ser sublinhado nas reformas silanas foi a posição da tribuna dos oradores. Os *Rostra*<sup>9</sup> eram um dos espaços mais conspícuos de Roma, que acumulou ao longo dos anos monumentos que homenageavam grandes líderes e onde se encerrava a *pompa funebris* dos notáveis, com a proclamação da *laudatio funebris* realizada em cima do palanque (POLO, 2005, p. 151-152). Era nos *Rostra*, antes de tudo, que as eleições ocorriam e magistrados realizavam seus discursos, apresentando projetos de leis em *contiones* ou as colocando em votação em *comitia*. No contexto da crise republicana, os *Rostra* tornaram-se um *locus popularis*, associado às ações dos tribunos e, portanto, de forte apelo à memória da plebe e da luta dos *populares* – Sila, assim, não deixaria de ali interferir (CADARIO, 2006, p. 57). A tribuna silana foi posicionada a sul e mais próxima da nova cúria, de modo que aqueles que estivessem ouvindo o discurso do orador ou se localizavam no *Comitium*, apertados entre *Rostra* e cúria, ou se dispunham no fórum, mas tendo a visão da cúria engrandecida atrás do orador (COARELLI, 1985, p. 56; FILIPPI, 2017, p. 165-166). A sede do Senado agigantada e intimidadora se impôs, assim, sobre o local de deliberação política da plebe<sup>10</sup>.

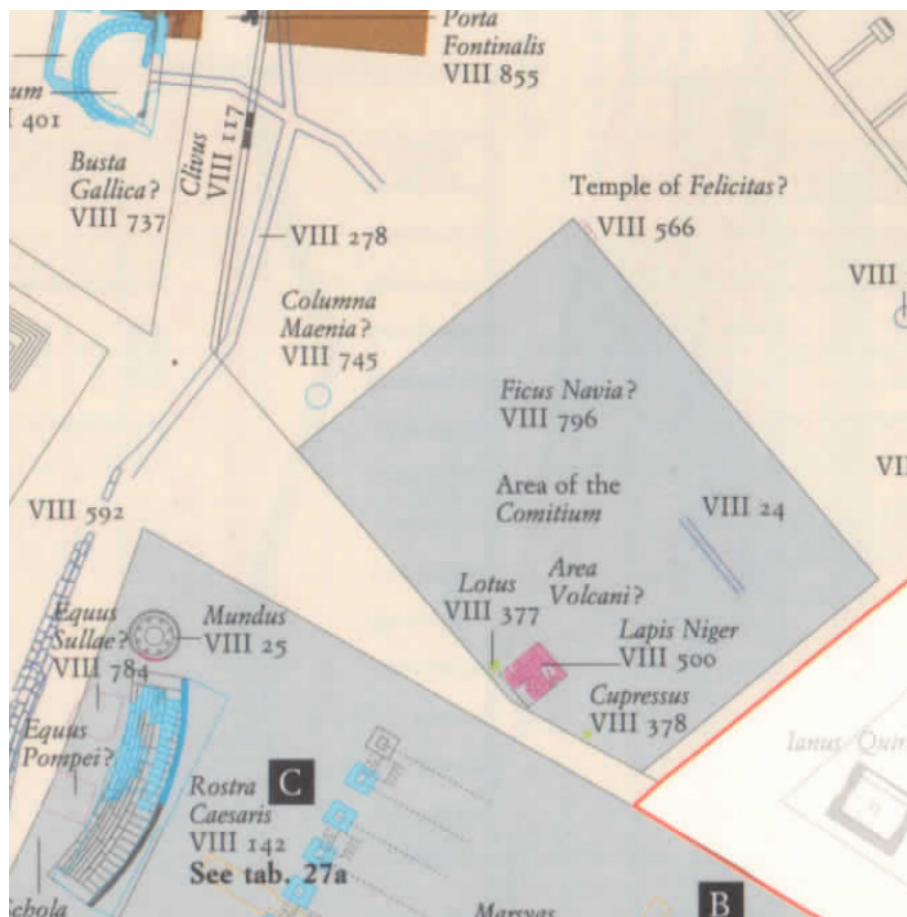
<sup>8</sup> Aliás, a cúria agregou a memória dos Cornélios duas vezes. Anos depois da intervenção de Sila, a cúria Cornélia e a Basílica Pórcia ao seu lado (Cf. Figura 1, VIII732) foram incendiadas pela plebe durante o funeral do tribuno Clódio. Ela seria reconstruída em 49 a.C. pelo filho de Sila, Fausto Cornélio Sila, reforçando a memória de sua *gens* na cúria (FILIPPI, 2017, p. 167).

<sup>9</sup> A palavra em si é o plural de “*rostrum*”, que por sua vez significa literalmente “bico”, “focinho”, “ponta”, ou em sentido figurado (um dos) “esporão de navio” (FARIA, 2021, p. 877). O nome latino que a tribuna recebeu se deve ao cônsul Caio Mênio Públio, que em 338 a.C. vencera a armada dos volscos de Âncio no rio Astura e trouxe a Roma os esporões dos navios inimigos como troféu de guerra, que foram usados para decorar as laterais da tribuna dos oradores no fórum (POLO, 2005, p. 151).

<sup>10</sup> Vale mencionar que Sila também ergueu ali uma estátua equestre sua em ouro, retirou a cópia em bronze do Tratado de Cássio ali exibida (*foedus Cassianum*, do século V a.C., que estabelecia uma aliança entre Roma e a Liga Latina) e que durante as proscricções de sua ditadura os perseguidos (que eram executados dentro da cúria) tinham suas cabeças penduradas tanto no *lacus Servilius* quanto nos *Rostra* (COARELLI, 1985, p. 234; FILIPPI, 2017, p. 165-166; FLOWER, 2006, p. 104).



Anos mais tarde, César conduziria um verdadeiro desmembramento do *Comitium* – e, conseqüentemente, da hegemonia senatorial que ele até então representava (Cf. Figura 2). O nome da *gens Cornelia* no *Comitium* seria enfraquecido com essas reformas. Começando justamente com a demolição da cúria entre 47 e 46 a.C.: em seu lugar o mestre da cavalaria de César, Lépido, ficou encarregado de construir um templo à *Felicitas* (Cf. Figura 2, VIII566), obra que, no entanto, jamais foi concluída. Richard Westall (1996, p. 113–114) nos lembra da ironia que este ato provocava, uma vez que Sila carregou no final da vida o agnome de *Felix* devido a sua boa fortuna, e que agora, de certa forma, se voltava contra. A nova cúria, *Curia Iulia*, não estava nos planos originais do *Forum Iulium* (ao lado do qual seria construída futuramente), embora, sugere Carandini, é possível que César já tivesse delimitado o espaço em que ela deveria ser erguida (CARANDINI, 2014, p. 137).



**Figura 2** – Planta do Comitium entre 51–36 a.C. e Rostra Caesaris.

Imagem modificada por nós (recortada) e retirada de CARANDINI, Andrea. *The Atlas of Ancient Rome: Biography and Portraits of the City. Vol. 2: tables and indexes*. Princeton: Princeton University Press, 2017, Tab. 26.

A *Graecostasis* e os *Rostra* também foram eliminados, soterrados sob uma nova pavimentação do *Comitium*, e uma nova tribuna seria construída centralizada na lateral noroeste do *Forum Romanum* (Cf. Figura 2, VIII142) ao lado do *Mundus* (Cf. Figura 2, VIII25), local sagrado dedicado à divindade

*Dis Pater*, voltada para o centro da praça (Cf. Figura 5, em vermelho) e no formato de um hemiciclo (FILIPPI, 2017, p. 167-168; CARANDINI, 2014, p. 145). A nova tribuna, que seria dedicada em 44 a.C. por Marco Antônio – cônsul junto com César naquele ano –, tornou-se um espaço associado à liberdade. Exemplo disso foi um denário de Lólio Palicano cunhado em 45 a.C., que trazia em seu averso a cabeça de *Libertas* e no reverso os *Rostra* com um *subsellium* (assento do tribuno)<sup>11</sup>: construída em outro local e alforriada da velha cúria, a atividade dos tribunos estava agora livre do julgo dos *optimates* e da vigilância do Senado, o que fez de César também o grande *libertador* de Roma (CADARIO, 2006, p. 52).

O tema da *libertas* era reforçado nos *Rostra* também pela deposição ali de duas estátuas de César coroado em 44 a.C. Uma portava uma *corona obsidionalis*, concedida àqueles que libertaram uma cidade de um cerco, e a outra uma *corona civica*, honra atribuída ao homem que salvara a vida de um cidadão (CADARIO, 2006, p. 54). Mas ali, na nova tribuna e concedidas às representações de César sem referenciar nenhum evento específico, as coroas tiveram seu significado ampliado para a libertação de Roma do assédio de uma facção (*optimates*) e para a salvação não de um único cidadão, mas de toda a *res publica*. Devemos nos lembrar que César recebeu naquele momento o título honorífico de *parens patriae*<sup>12</sup>, o que permite a tradução política da *corona civica* em um sentido coletivo, e, além disso, que entre o seletivo grupo que já portara antes uma *corona obsidionalis* estava Sila, fazendo desta na cabeça de César também uma provocação (ZANKER, 2009, p. 294; CADARIO, 2006, p. 54).

Não podemos deixar de mencionar, por fim, a clemência de César. Ao se consolidar no poder após a guerra civil, César abriu mão de punir muitos de seus inimigos e não deu início, como foi praxe em guerras civis anteriores (e seria mais uma vez em 43 a.C.), a proscricções, nem baniu as imagens de seus oponentes de espaços públicos através da *damnatio memoriae* (estas imagens passariam a conviver com imagens novas que colocavam César em uma posição de superioridade): tal prática foi conhecida por *clementia Caesaris* (FLOWER, 2006, p. 104-107). Assim, após o resultado da Batalha de Farsalos chegar ao conhecimento de Roma em 48 a.C., a plebe derrubou as estátuas equestres de Sila e Pompeu que se encontravam perto dos antigos *Rostra*; César, por sua vez, em sinal de clemência, ordenou que estas duas estátuas fossem restauradas atrás de sua nova tribuna no Fórum (Cf. Figura

<sup>11</sup> RRC n. 473. Disponível em <[https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_2002-0102-4648](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_2002-0102-4648)>. Acesso em 27 jun. 2021.

<sup>12</sup> É relevante notar que as fontes, ao se referirem a César, utilizam o termo *parens patriae*, enquanto é comum encontrar o título *pater patriae* relacionado a Augusto, como aparece em suas *Res Gestae* (RG 35). Segundo Stevenson (2000, p. 27-28), em última instância ambos os termos são sinônimos e foram utilizados sem muita distinção por Cícero em 63 a.C., quando ele, então cônsul, fora consagrado com tal título após denunciar Catilina; afinal tal honraria evocava a figura paterna que, em Roma, tinha autoridade para executar familiares e dependentes, que estavam sob sua proteção para defender a *res publica* (a condenação de Catilina, portanto, é expressão do poder de Cícero enquanto *pater familias*, fazendo dele um pai da pátria). Para afastar o lado coercitivo desta autoridade e se contrapor a Cícero, César e seus partidários optam pelo uso de *parens* ao invés de *pater*; Augusto, por seu turno, tendo em vista o desfecho que seu pai adotivo tivera, evita este termo e adota o título de *pater patriae* em 2 a.C. Além disso, atribui-se comumente a *parens*, assim como a *genitor*, a noção de paternidade física, enquanto *pater* expressaria um sentido divino e um valor social (FARIA, 2021, p. 702, 708).

2, VIII784) (FLOWER, 2006, p. 106-107). Como afirma Cadario (2006, p. 58-59), tal restauração não pode ser apartada de todas as novas imagens erigidas por César na região do Fórum, pois assim elas receberam uma nova significação: visava-se tanto justificar a guerra civil, necessária em defesa da *libertas* de Roma, quanto superá-la, através do perdão e da clemência que a restauração remetia.

### Após os Idos de Março: apoteose de César no fórum

A política de clemência de César, no entanto, não foi levada até o fim, sendo interrompida pelos Idos de Março de 44 a.C. A centralização que se construía em torno da figura do ditador foi proporcional ao vácuo deixado por sua morte, pois embora houvesse algumas figuras mais proeminentes que pudessem substituí-lo, o curso dos eventos não estava claro e ninguém conseguiu ocupar seu lugar de imediato, o que resultou em um conflito interno entre os cesarianos. Paralelo a isso, uma possível vingança contra seus assassinos permanecia suspensa no horizonte. O fato é que os meses seguintes à conspiração, que levou ao tiranicídio, foram marcados por grande incerteza, como bem demonstra Josiah Osgood (2006, p. 14-16), e os conflitos não cessariam tão cedo.

Um dos locais desses conflitos foi justamente o fórum, a começar pelo funeral de César. Morto o ditador na cúria Pompeiana pelos punhais dos assim chamados libertadores, transcorreram poucos dias de tensa negociação mediada pelo Senado entre os principais líderes aliados de César que se encontravam em Roma à época (lê-se Marco Antônio e Lépido, este último tendo ocupado o fórum com suas tropas, vale mencionar) e os cesaricidas, o que culminou na anistia dos conspiradores em troca da manutenção dos decretos de César e na permissão da realização de seu funeral, que ocorreria no fórum cinco dias após o assassinato (OSGOOD, 2006, p. 13-14). Os detalhes deste funeral são narrados de formas diferentes pelas fontes<sup>13</sup>, mas se sabe que, após a inflamada *laudatio funebris* de Marco Antônio, o corpo de César fora cremado no *Forum Romanum* pelas mãos da multidão que ali se encontrava, muito provavelmente em uma pira improvisada, de forma semelhante à cremação do tribuno Clódio em 52 a.C. (KOORTBOJIAN, 2013, p. 26).

Nos dias seguintes, organizou-se no local da cremação um culto popular do qual sabemos muito pouco. Para tanto, foram erguidos ali um altar e uma coluna e a prática ritual era liderada por um

<sup>13</sup> Segundo Michael Koortbojian, há três versões que apontam para imagens diferentes de César exibidas por Marco Antônio em seu discurso fúnebre: Apiano (*BC* 2, 146) e Suetônio (*Jul.* 84, 1) falam que foi exibida a toga ensanguentada que César usava no momento em que fora apunhalado; Dião Cássio (44, 35, 4) fala da exibição do próprio corpo do falecido que já se encontrava nos *Rostra*; e Apiano (*BC* 2, 147) também menciona uma imagem em cera do corpo de César exibida ao público por um dispositivo mecânico que evidenciava as marcas das punhaladas. Quanto à cremação, Apiano (*BC* 2, 148) e Dião Cássio (44, 50, 2) afirmam que o corpo de César em um esquife foi levado primeiramente ao Capitólio para ser enterrado junto aos deuses, o que os sacerdotes impediram e fizeram com que os partidários do ditador o levassem de volta ao fórum onde seria cremado em uma pira improvisada, enquanto Suetônio (*Jul.* 84, 6) diz que, antes mesmo de decidirem o que fazer com o corpo, duas figuras com espadas na cintura saíram da multidão e iniciaram a cremação – Koortbojian (2013, p. 26, 241, notas 34 e 36) levanta a hipótese que Suetônio descreve uma intervenção divina, já que as duas figuras poderiam ser os Dióscuros, afinal a cremação transcorre na frente de seu templo.

tal *Amatius* ou *Herophilus* que se denominava Caio Mário, reivindicando a ancestralidade do antigo general popular, e que clamava pela morte dos libertadores que saíram impunes; o culto popular, no entanto, durou pouco mais de um mês, pois foi suprimido pelo cônsul que substituiu César naquele ano, Dolabela, que eliminou tanto o altar e a coluna quanto seus líderes praticantes, por sua vez executados sem julgamento na Rocha Tarpeia (FLOWER, 2006, p. 107). Foi a primeira manifestação de um culto a César como um deus em Roma, conduzida de forma não oficial por grupos populares.

Não havia precedentes em Roma de um homem que fora feito deus. Koortbojian (2013, p. 26) fala que os casos mitológicos de Hércules, Eneias e Rômulo não se comparam com a divinização que César sofreu no final do século I a.C. – este seria o primeiro<sup>14</sup> homem do passado recente, não remoto, que seria oficialmente divinizado em Roma com um culto regular e recebendo sacrifícios. Para além da manifestação popular deste culto, contribuiu muito à apoteose de César uma passagem específica ocorrida durante os *ludi Victoriae Caesaris*, organizados pelo sobrinho-neto e principal herdeiro de César, Otaviano, e celebrados no final de julho de 44 a.C.: um cometa apareceu nos céus por sete dias consecutivos, sinal que foi associado à transcendência da *anima* de César junto aos deuses, em uma lógica que Pollini (2012, p. 133) compara ao processo de catasterismo. Somente em janeiro de 42 a.C., provavelmente devido ao caos instaurado após os Idos de Março que tendeu a se dissipar apenas após o estabelecimento do Segundo Triunvirato em 43 a.C., o Senado oficializou através de um *senatus consultum* o reconhecimento da apoteose de César e votou a construção de um templo (KOORTBOJIAN, 2013, p. 29).

O *aedes Divi Iulii* só seria dedicado em 29 a.C., mas cunhagens de 36 a.C. já anunciavam sua imagem. O denário de Otaviano (Cf. Figura 3) traz em seu averso a imagem do *Divi filius* barbado, que simboliza o luto, e no reverso o templo do Divino Júlio: no frontão, uma estrela que remete ao cometa que apareceu durante os jogos de julho<sup>15</sup>; abaixo a inscrição *DIVO·IVL* que remete ao nome do novo deus, *Dius Iulius*; entre as colunas a estátua de culto, segurando *lituus* e com a cabeça velada como um áugure; e no lado esquerdo um altar, aludindo àquele primeiro do culto de César (ZANKER, 2008, p. 56-57). Nos interessa aqui justamente a imagem deste altar, elemento daquele culto popular que durou pouquíssimos dias (e que fora dizimado por um magistrado), mas que aqui é apropriado por um triúmviro junto ao culto oficial de César. O jovem Otaviano almejava se aproximar

<sup>14</sup> Vale mencionar que César já era cultuado ainda em vida no oriente helenístico onde a prática da divinização de reis e grandes líderes era antiga e comum, e que mesmo em Roma já apareciam alguns sinais que anunciavam mudanças drásticas nesta questão, como honras extraordinárias concedidas a generais durante o século I a.C. – é o caso de moedas cunhadas em 82 a.C., que mostram Sila sendo corado pela deusa Vitória, prática comum durante os triunfos, mas nunca representada em imagem, apenas quando se tratava de imagens de deuses –, embora de longe o caso de César fosse o mais radical (KOORTBOJIAN, 2013, p. 22-23).

<sup>15</sup> Embora tenha sido um cometa a cruzar os céus, foi uma estrela – o chamado *sidus Iulium* – que foi representada tanto em fontes escritas quanto imagéticas, isso porque, dentre outros fatores, cometas sinalizavam maus presságios enquanto estrelas tinham uma conotação positiva (KOORTBOJIAN, 2013, p. 28).

da plebe urbana para consolidar sua base de apoio em Roma, e para tanto convocou a memória desta parcela social ao fazer referência à prática de culto outrora conduzida por *Amatius/Herophilus* ao lado do templo oficial votado pelo Senado em 42 a.C.



Figura 3<sup>16</sup> – Denário de prata de Otaviano (RRC n. 540). © The Trustees of the British Museum.

O templo em si foi dedicado no *Forum Romanum* em agosto de 29 a.C., três dias após o triplo triunfo de Otaviano (na Ilíria, em Áccio e no Egito). Hexastilo, prostilo e com capitéis de ordem coríntia, o templo do *Diuius Iulius* (Cf. Figura 4) tinha um perfil esguio causado pela proximidade das colunas do pronau; o *sidus Iulium* decorava o frontão e o templo se erguia sobre um pódio que servia de tribuna, no qual foram depositados na face frontal os *rostra* dos navios de Cleópatra capturados em Áccio; além disso, uma êxedra semicircular na frente deste pódio abrigava um altar (*ara*) (CARANDINI, 2014, p. 209–210). Portanto, além das cunhagens de 36 a.C., que rememoravam o culto popular de 44 a.C., o templo reconstruiu externamente o altar do velho culto, praticamente no mesmo lugar em que fora originalmente praticado. Este elemento da memória popular, que por sua vez era uma memória do conflito, foi reavivado por Otaviano no fórum e eternizado na estrutura do templo do culto oficial de César.

É muito importante também considerar a localização do templo (Cf. Figura 5). Ele foi construído na lateral sudeste do *Forum Romanum*, próximo ao local no qual o corpo de César fora cremado (Cf. Figura 5, em verde). Portanto, na lateral oposta aos *Rostra Caesaris* (Cf. Figura 5, em vermelho). Dessa forma, os oradores tinham duas opções de lugar no velho fórum para realizar seus discursos: na tribuna dedicada por Marco Antônio em 44 a.C. ou na novíssima tribuna localizada no pódio do *aedes Diui Iulii*, ambas ineludivelmente marcadas pela memória do antigo ditador. E era prática comum entre os oradores usar a visualidade de seu entorno a seu favor ao proferir seus discursos,

<sup>16</sup> Disponível em <[https://www.britishmuseum.org/collection/object/C\\_2002-0102-4859](https://www.britishmuseum.org/collection/object/C_2002-0102-4859)>. Acesso em 27 jun. 2021.

aproveitando a visibilidade de monumentos para fazer referência aos sujeitos que os ergueram, ou então os evitando quando o objetivo da fala era criticá-los (DAVID, 2000, p. 59-60).

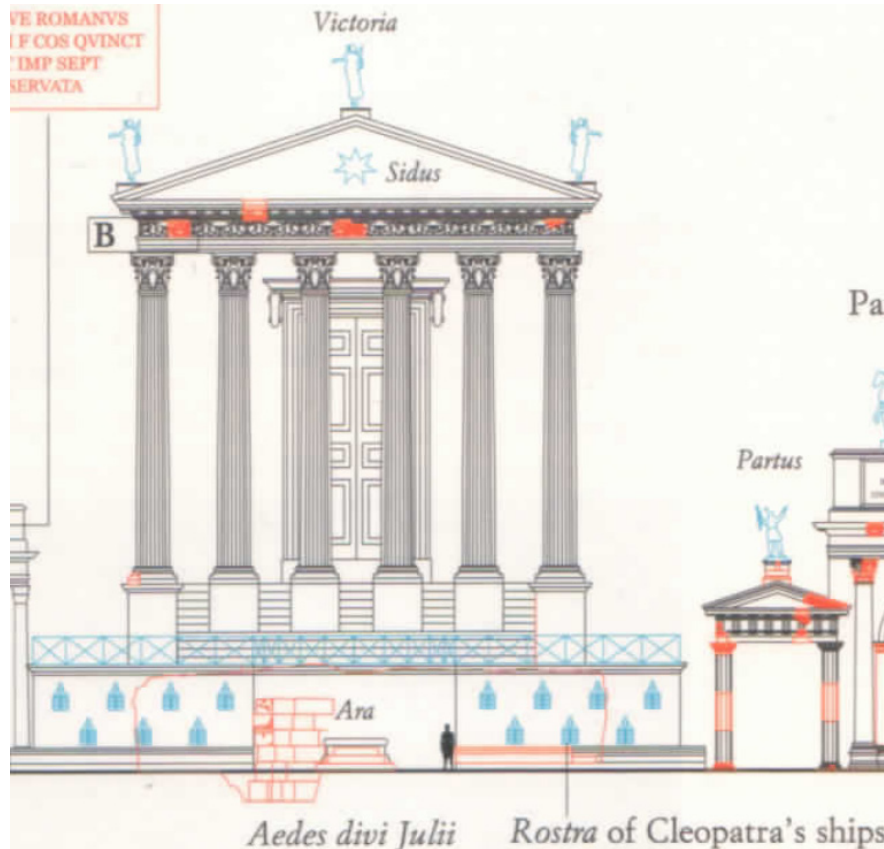


Figura 4 – Reconstituição da fachada do *aedes Divi Iulii*.

Imagem modificada por nós (recortada) e retirada de CARANDINI, Andrea. *The Atlas of Ancient Rome: Biography and Portraits of the City. Vol. 2: tables and indexes*. Princeton: Princeton University Press, 2017, Tab. 35.

Logo, um político ou tribuno alinhado com os cesarianos e que reivindicava a tradição da luta dos *populares* poderia fazer seus discursos nos *Rostra* na frente do templo do Divino Júlio, engrandecendo sua retórica pela presença do novo deus no coração de Roma, seja através do templo atrás de si, seja pela *ara* do antigo culto popular na frente. Já um orador mais avesso a tal tradição e mais próximo do Senado (embora, é preciso dizer, se as proscricções de 43 a.C. e a Batalha de Filipos não eliminaram a maioria destes, com certeza enfraqueceram os que restaram) discursaria nos *Rostra Caesaris*, mas teria de encarar além do público na sua frente o esbelto templo do Divino Júlio ao fundo, engrandecendo a multidão como um patrono a protegê-la. Podemos notar, assim, um uso do espaço que mobiliza a posição dos edifícios em *prouocatio*, da mesma forma que, após o período silano, a *Curia Cornelia* se impunha sobre a antiga tribuna do *Comitium*, e com ela a força intimidadora dos *optimates*.

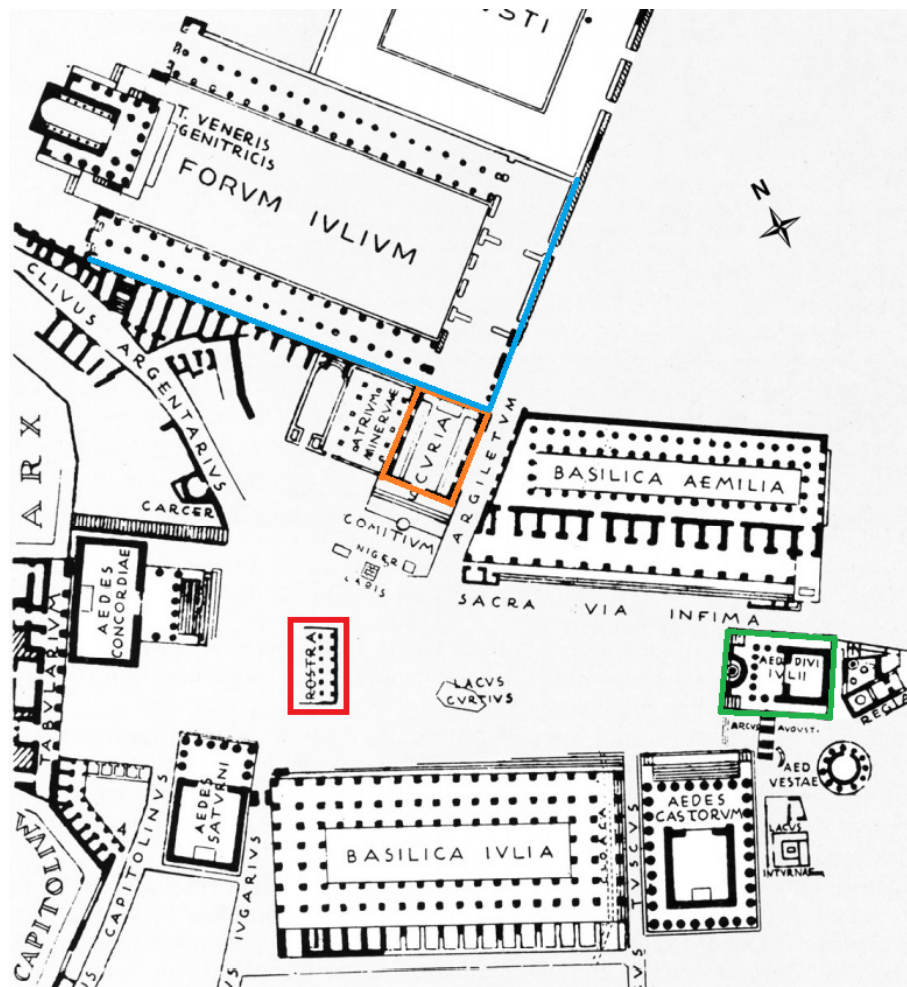


Figura 5 – Planta geral do Forum Romanum e do Forum Iulium.

Imagem modificada por nós (recortada e com inserção de traços coloridos) e retirada de POLLINI, John. *From Republic to Empire: Rhetoric, Religion, and Power in the Visual Culture of Ancient Rome*. Norman: University of Oklahoma Press, 2012, p. 134.

O templo do Divino Júlio com certeza teve um enorme impacto no espaço do fórum em prol de um projeto político coeso centrado na facção cesariana e, mais precisamente, em favor do herdeiro de César. Mas em agosto de 29 a.C. outro edifício fora dedicado: a *Curia Iulia* (Cf. Figura 5, em laranja). Sua construção foi aprovada em 44 a.C., mas em 43 a.C. o Senado a impediu e ordenou a reconstrução da velha *Curia Hostilia/Cornelia* no *Comitium*, alegando que a epidemia que assolava Roma naquele momento estava relacionada ao castigo divino causado pela demolição da antiga cúria<sup>17</sup> (FILIPPI, 2017, p. 168). A reação senatorial, porém, foi logo reprimida e as obras foram retomadas em 42 a.C., sendo a cúria Júlia construída em paralelo com a lateral sudoeste (na extremidade sul) do *Forum Iulium* (Cf. Figura 5, com as laterais sudoeste e sudeste em azul), que, por sua vez, foi concluído e ampliado por Otaviano em vinte metros em direção ao *Argiletum* (CARANDINI, 2014, p. 82).

<sup>17</sup> Nesse ínterim, o já mencionado templo da *Felicitas*, cujas obras mal tinham iniciado, foi demolido para a restauração do antigo *Comitium* ordenada pelo Senado e nunca mais seria reconstruído (FILIPPI, 2017, p. 168).

Assim, a nova cúria se conectava ao fórum de César (inclusive por uma entrada na parte de trás que dava para o *porticus duplex* menor), quase como um anexo subordinado a este complexo maior, cuja orientação era norteada pelo templo da *Venus Genetrix* e não pela sede do Senado, o que levou Richard Westall (1996, p. 114) a dizer que a *Curia Iulia* representava muito bem o “‘cativeiro babilônico’ do Senado na dinastia Júlio-Claudiana”. A cúria e o *Forum Iulium* são duas dentre outras construções que couberam a Otaviano concluir. Sem considerar o templo do Divino Júlio, que não havia sido planejado por César, o herdeiro deu continuidade, durante o período triunviral, às reformas que seu pai iniciara no fórum e não pode terminar devido aos Idos de Março. Nessas continuidades encontrava-se a mobilização do fórum como um espaço inserido na lógica do conflito da memória.

### Considerações finais

A complexidade e riqueza de detalhes presentes nas mudanças transcorridas nos *fora* durante o recorte aqui estabelecido não podem ser sintetizadas em um único artigo. Muitas outras intervenções, que deixamos de mencionar, ocorreram naquele espaço no final da República: a restauração da Basílica Júlia, a reconstrução da Basílica Paula, a extensão da Via Sacra, o realocamento de determinados locais sagrados do *Comitium*, dentre muitos outros. Neste artigo, lidamos apenas com algumas das principais transformações para estabelecer o panorama geral do *Forum Romanum* e do *Forum Iulium* de César a Otaviano, e com isso poder refletir sobre a construção da memória coletiva nesses espaços durante os últimos momentos do período republicano.

Nesse processo, a figura de César exerceu um papel basilar, tanto em vida quanto após a sua morte. Mencionamos no início que a cultura memorial de Roma sofria modificações consideráveis ao longo da crise do sistema republicano, já que agora poderosos líderes políticos passavam por cima do antigo equilíbrio entre as casas aristocráticas, a fim de narrar o passado romano a partir de suas próprias famílias e feitos. As reformas do fórum, portanto, seguiram essa dinâmica com César, tornando sua figura onipresente no centro da cidade de Roma – o fórum se tornou um lugar da memória de César, em outras palavras. Tal tendência antecipou aquilo que seria aprofundado no Principado, ou seja, o domínio quase que total do espaço urbano e de suas referências a favor do *princeps*, algo que fará do fórum um grande monumento à dinastia imperial.

Por fim, vale enfatizar que o lugar de memória tende à metamorfose, mesmo insistindo em eternizar a memória, como Nora bem disse. Se em vida César fez a arquitetura dos fóruns caracterizá-lo como o maior de todos os conquistadores e o libertador de Roma contra o assédio de um grupo político, abalando a posição ocupada por Pompeu e Sila na memória coletiva, quando morto o ditador foi alçado ao papel de deus, cuja lembrança seria conjurada nos conflitos políticos que estavam por vir. E após esse período, novas alterações seriam produzidas: durante o Principado, o protagonismo de



César no fórum diminuiu, isso porque a nova conjuntura exigia de Augusto a tecedura de consenso para poder se estabelecer no cenário político, e a memória de César estava muito associada aos antigos conflitos – isso fez com que a *gens Iulia*, e não César, ganhasse mais destaque. Mas este é um assunto que merece ser destrinchado em outro momento.

### Referências bibliográficas

- CADARIO, Matteo. Le statue di Cesare a Roma tra il 46 e il 44 a. C.. *In: Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia dell'Università degli Studi di Milano*, Milano, vol. 59.3, p. 25-70, 2006.
- CARANDINI, Andrea. **La Roma di Augusto in 100 monumenti**. Novara: UTET, 2014.
- CARANDINI, Andrea. (Ed.). *The Atlas of Ancient Rome: biography and portraits of the City*. Princeton: Princeton University Press, 2017.
- COARELLI, Filippo. **Il foro romano: periodo repubblicano e augusteo** (vol. II). Roma: Quasar, 1985.
- DAVID, Jean-Michel. I luoghi della politica dalla Repubblica all'Impero. *In: ANDREA, Giardina* (Ed.). **Storia di Roma dall'Antichità a oggi**. Laterza: Editori Laterza, 2000, p. 57-83.
- FARIA, Ernesto. **Dicionário latino-português**. Belo Horizonte: Garnier, 2021.
- FILIPPI, Dunia. Region VIII: Forum Romanum Magnum. *In: CARANDINI, Andrea* (Ed.). *The Atlas of Ancient Rome: biography and portraits of the City*. Vol. 1: Text and images. Princeton: Princeton University Press, 2017, p. 143-206.
- FLOWER, Harriet I. **The art of forgetting: disgrace & oblivion in Roman political culture**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2006, p. .
- GILDENHARD, Ingo; GOTTER, Ulrich; HAVENER, Wolfgang; HODGSON, Louise (Eds.). **Augustus and the destruction of History**. The politics of the past in Early Imperial Rome. Cambridge: Cambridge Philological Society, 2019, p. 1-36.
- KOORTBOJIAN, Michael. **The divinization of Caesar and Augustus: precedents, consequences, implications**. Nova York: Cambridge University Press, 2013.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- NORA, Pierre. **Pierre Nora en les lieux de mémoire**. Montevideu: Trilce, 2008.
- OSGOOD, Josiah. **Caesar's legacy: Civil War and the emergence of the Roman Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- POLLINI, John. **From Republic to Empire: rhetoric, religion, and power in the visual culture of Ancient Rome**. Norman: University of Oklahoma Press, 2012.

- POLO, Francisco Pina. I Rostra come espressione di potere della aristocrazia romana. *In*: URSO, Gianpaolo (Ed.). **Popolo e potere nel Mondo Antico**. Pisa: Edizioni ETS, 2005, p. 141-155.
- STEVENSON, T. R. *Parens Patriae* and Livy's Camillus. *In*: **Ramus**, Cambridge University Press, vol. 29.1, p. 27-46, 2000.
- WESTALL, Richard. The *Forum Iulium* as representation of *Imperator* Caesar. **Mitteilungen des deutschen archaologischen Instituts Roemische Abteilung**. Darmestadd: Verlag Philipp von Zabern, vol. 103, p. 83-118, 1996.
- ZANKER, Paul. **Augusto y el poder de las imágenes**. Trad. de Pablo Diener Ojeda. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- ZANKER, Paul. The irritating statues and contradictory portraits of Julius Caesar. *In*: GRIFFIN, Miriam (Ed.). **A companion to Julius Caesar**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009, p. 288-314.

